

CLEÓPATRA*

CANTO DE UM ESCRAVO

(MME. ÉMILE DE GIRARDIN)

Filha pálida da noite,
Nume¹ feroz de inclemência,²
Sem culto nem reverência,
Nem crentes e nem altar,
5 A cujos pés descarnados...³
A teus negros pés, ó morte!⁴
Só enfeitados da sorte
Ousam frios implorar;⁵

Toma a tua foice aguda,⁶
10 A arma dos teus furores;
Venho c'roadado de flores
Da vida entregar-te a flor;⁷ →

* Este poema ocorre em ESP (n. 19, 1860, p. 10-11), CRIS1864 (p. 75-79), em PC1953 (p. 93-97), em OCA1959 (v. III, p. 204-206), em PCEC1976 (p. 190-193), em OCA1994 (v. III, p. 195-196), em CHRYS2000 (p. 60-63), em TPCL (p. 49-51), em PCRR (p. 307-310) e em OCA2015 (v. 3, p. 612-614). Texto-base: CRIS1864. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos. Em CRIS1864, ao final do volume (p. 168), há a seguinte nota do autor: “Este canto é tirado de uma tragédia de Mme. Émile de Girardin. O escravo, tendo visto coroado o seu amor pela rainha do Egito, é condenado a morrer. Com a taça em punho, entoa o belo canto de que fiz esta mal-amanhada paráfrase.” Em ESP, o poema traz o título “Escravo e rainha (Da tragédia – Cleópatra – de Mme. É. de Girardin)”, tem as estrofes separadas por travessão, e todas as estrofes apresentam pequeno deslocamento do primeiro verso para a direita; a autoria vem indicada, ao fim do poema, por M. Este poema foi também publicado, com o título “Cleópatra e o escravo”, no volume I da Biblioteca Brasileira, *Lírica nacional*, no Rio de Janeiro, em 1862, às p. 50-53. Houve ainda, em vida do autor, outras publicações: no *Almanaque da Gazeta de Notícias* para 1881 (Rio de Janeiro, 1880, p. 299-302) e em *O Bananal* (Bananal, S. Paulo, 20 de maio de 1881). (Cf. SOUSA, 1955, p. 354; MACHADO, 2008, p. 79) Essas publicações não foram consultadas para esta edição.

¹ Nume] Nome – em CRIS1864. Há correção na errata.

² de inclemência,] da inclemência, – em ESP.

³ descarnados...] descarnados, – em ESP.

⁴ pés, ó morte!] pés – ó morte! – em ESP.

⁵ implorar;] implorar... – em ESP.

⁶ foice aguda,] fouce impia – em ESP.

⁷ flor;] flor. – em ESP.

- É um feliz que te implora
Na madrugada da vida,
15 Uma cabeça perdida
E perdida por amor.⁸
- Era rainha e formosa,
Sobre cem povos reinava,⁹
E tinha uma turba escrava
20 Dos mais poderosos reis;¹⁰
Eu era apenas um servo,¹¹
Mas amava-a tanto, tanto,¹²
Que nem tinha um desencanto
Nos seus desprezos cruéis.¹³
- 25 Vivia distante dela
Sem falar-lhe nem ouvi-la;¹⁴
Só me vingava em segui-la
Para a poder contemplar;¹⁵
Era uma sombra calada
30 Que oculta força levava,¹⁶
E no caminho a aguardava¹⁷
Para saudá-la e passar.¹⁸
- Um dia veio ela às fontes
Ver os trabalhos... não pude,
35 Fraqueou minha virtude,
Caí-lhe tremendo aos pés. →

⁸ E perdida por amor.] Porém perdida de amor. – em ESP.

⁹ Era rainha e formosa, / Sobre cem povos reinava,] Uma mulher... era bela! / Como rainha – reinava, – em ESP.

¹⁰ reis;] reis! – em ESP; reis. – PC1953, em OCA1959, em PCEC1976 e em OCA1994; reis – em TPCL.

¹¹ servo,] servo – em ESP.

¹² Mas amava-a tanto, tanto,] E tanto amava-a e tanto – em ESP. Para que este verso tenha as sete sílabas necessárias, o pronome que representa Cleópatra em “amava-a” deve ficar absorvido no “a” final de “amava”, fazendo com que o objeto desapareça na pronúncia. Se, por um lado, isso pode ser considerado um defeito, por outro, a absorção do objeto amado no amante é um efeito e tanto. Casos semelhantes a esse, com crase envolvendo o pronome, a preposição ou o artigo “a” ocorrem em outros versos neste mesmo poema.

¹³ cruéis,] cruéis! – em ESP.

¹⁴ Vivia distante dela / Sem falar-lhe nem ouvi-la;] Vivia tão longe dela / Sem lhe falar nem ouvi-la, – em ESP; Sem falar-lhe nem ouvi-la; / Vivia distante dela – em OCA 1994.

¹⁵ contemplar;] contemplar. – em ESP.

¹⁶ levava,] levava – em ESP.

¹⁷ E no caminho a aguardava] E que só se reanimava – em ESP; E no caminho aguardava – em PC1953, em OCA1959, em PCEC1976, em OCA1994 e em TPCL.

¹⁸ e passar.] ao passar. – em ESP.

Todo o amor que me devora,
Ó Vênus, o íntimo peito,¹⁹
Falou naquele respeito,
40 Falou naquela mudez.²⁰

Só lhe conquistam amores
O herói, o bravo, o triunfante;
E que coroa radiante
Tinha eu para oferecer?²¹
45 Disse uma palavra apenas
Que um mundo inteiro continha:
– Sou um escravo, rainha,²²
Amo-te e quero morrer.²³

E a nova Ísis que o Egito²⁴
50 Adora curvo e humilhado²⁵
O pobre servo curvado
Olhou lânguida a sorrir,²⁶
Vi Cleópatra, a rainha,²⁷
Tremor pálido em meu seio;²⁸
55 Morte, foi-se-me o receio,²⁹
Aqui estou, podes ferir.³⁰

Vem! que as glórias insensatas
Das convulsões mais lascivas,³¹
As fantasias mais vivas,
60 De mais febre e mais ardor,³² →

¹⁹ o íntimo peito,] ó íntimo peito, – em CRIS1864, em CHRYS2000 e em OCA2015. A edição de 1864 traz correção na errata; CHRYS2000 e OCA2015 não trazem errata, nem correção nem anotação alguma.

²⁰ Esta estrofe, em ESP, vem assim: “Uma dia veio a rainha / Ver os trabalhos do servo... / Ali desprende-se o verbo / Que o tinha no coração; / Falou todo o amor no sangue / Que me pulsava nas veias... / Foi um borbulhar de ideias, / Foi um tremer de paixão!”

²¹ Este verso, para ter sete sílabas, deve ser lido: “Tinha eu p’r’ oferecer?” Há outras possibilidades, mas esta é, talvez, a melhor.

²² Em OCA1959 e em OCA1994, depois deste verso há espaço de separação de estrofe, de modo que o verso subsequente ficou incorporado à estrofe seguinte.

²³ Esta estrofe, em ESP, vem assim: “Para ganhar-lhe os amores / Eu não tinha um louro ovante / Como c’roa radiante / Que lha fosse oferecer; / Disse uma palavra apenas, / Que todo um sonho continha: / Sou um escravo, rainha, / Amo-te e quero morrer!”

²⁴ Este verso, para ter sete sílabas, deve ser lido: “E a nova Ísis qu’ o Egito”.

²⁵ humilhado] humilhado, – em PCEC1976, em CHRYS2000 e em TPCL.

²⁶ Olhou lânguida a sorrir;] Olhou lânguida – a sorrir... – em ESP.

²⁷ Vi Cleópatra, a rainha,] Vi Cleópatra a rainha – em ESP.

²⁸ em meu seio;] no meu seio... – em ESP.

²⁹ receio,] receio; – em ESP.

³⁰ ferir.] ferir! – em ESP.

³¹ lascivas,] lascivas – em CHRYS2000.

³² ardor,] ardor. – em ESP.

Toda a ardente ebriedade
Dos seus reais pensamentos,
Tudo gozei uns momentos
Na minha noite de amor.³³

65 Pronto estou para a jornada
Da estância escura e escondida;
O sangue, o futuro, a vida
Dou-te, ó morte, e vou morrer;
Uma graça única – peço³⁴

70 Como última esperança:
Não me apagues a lembrança
Do amor que me fez viver.³⁵

Beleza completa e rara
Deram-lhe os numes amigos;
75 Escolhe dos teus castigos
O que infundir mais terror,
Mas por ela, só por ela
Seja o meu padecimento,³⁶
E tenha o intenso tormento
80 Na intensidade do amor.³⁷

Deixa alimentar teus corvos
Em minhas carnes rasgadas,
Venham rochas despenhadas
Sobre meu corpo³⁸ rolar,
85 Mas não me tires dos lábios
Aquele nome adorado,
E ao meu olhar encantado
Deixa essa imagem ficar.³⁹

³³ Os últimos quatro versos desta estrofe, em ESP, vêm assim: “Todas as formas douradas / Do seu real pensamento, / Tudo gozei um momento / Na minha noite de amor!”

³⁴ Para contar sete sílabas, este verso deve ser pronunciado com apócope em “graça”: “Uma graç’ única – peço”. O encontro vocálico “a-ú”, com “u” acentuado, não forma ditongo.

³⁵ Esta estrofe, em ESP, vem assim: “Agora desprezo a vida, / Tenho glória mais dourada; / Pronto estou para a jornada, / Posso impávido – morrer. / Mas só te imploro uma graça, / É a última esperança... / Desse amor quero a lembrança! / Deixa guardá-la sequer!”

³⁶ padecimento,] padecimento – em OCA1994.

³⁷ Esta estrofe, em ESP, vem assim: “De Cleópatra a beleza / Salva-me do esquecimento; / Quero sofrer um tormento / Fundo, bárbaro e cruel, / Mas que eu sofrá essa tortura / Por esse nome adorado; / Será néctar derramado / Na minha taça de fel.”

³⁸ Sobre meu corpo] Sobre o meu corpo – em OCA1994.

³⁹ Esta estrofe, em ESP, vem assim: “Deixa alimentar teus corvos / Em minhas carnes torcidas; / Venham rochas despedidas / Sobre o meu corpo a rolar, / Mas deixa-me aquela imagem / Na treva negra e cerrada / Como a lembrança adorada, / De muito e muito gozar!”

90 Posso sofrer os teus golpes
Sem murmurar da sentença;
A minha ventura é imensa
E foi em ti que eu a achei;⁴⁰
Mas não me apagues na fronte
Os sulcos quentes e vivos
95 Daqueles beijos lascivos⁴¹
Que já me fizeram rei.⁴²

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CHRYS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.
CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
ESP – *O Espelho*.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de [M.]. Escravo e rainha (Da tragédia – Cleópatra – de Mme. É. de Girardin). *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 10-11, 8 jan. 1860. [Ed. fac-similar: *O Espelho*: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.]

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

⁴⁰ A minha ventura é imensa / E foi em ti que eu a achei;] É uma ventura imensa / Como nem eu mesmo sei; – em ESP.

⁴¹ [lascivos] lascivos, – em ESP.

⁴² fizeram rei.] fizeram – rei. – em ESP.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

SOUSA, Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.